

**Mise en Scène . Eloá Carvalho**

**Ivaír Reinaldim** é Doutor em Artes Visuais pela Escola de Belas-Artes da UFRJ e Professor da Escola de Belas-Artes da UFRJ.

O termo que dá título à exposição individual de Eloá Carvalho na Galeria de Arte Ibeu, localizada em Copacabana, Rio de Janeiro, se traduzido de modo literal, significa “colocado em cena”, e seu uso, ao migrar do teatro para o cinema, marca a crescente valorização da figura do diretor como aquele que organiza e controla a construção dramática do filme em todos os seus detalhes. Não que a artista tenha desenvolvido aqui um diálogo direto com o cinema – mesmo que alguns de seus trabalhos anteriores apresentem tais referências. O que fez foi assumir uma operatividade que em si pode ser aproximada da prática do “metteur en scène”.

Assim, o termo torna-se indicio de como o olhar autoral da artista reconfigura e contextualiza personagens de diferentes características, feições e procedências históricas num espaço cênico comum, seja ele o da superfície do papel ou pintura ou mesmo o da Galeria de Arte do Ibeu. Sinaliza o arranjo dos corpos e das coisas através de tais espaços, como também a dimensão mais ampla da encenação presente nesses elementos. Suas personagens encenam seus papéis: aqueles que acreditam desempenhar e aqueles que a artista as põe a representar.

O projeto teve início com uma extensa pesquisa no acervo iconográfico do Ibeu. Nesse arquivo, a artista selecionou suas personagens entre os registros fotográficos das diversas aberturas de exposição promovidas pelo Instituto, dos anos 1950 aos nossos dias. Em seguida, tais figuras foram desenhadas e recombinadas em novos conjuntos, encontrando-se parte desses desenhos acessíveis na mostra. Alguns deles, no entanto, continuaram a ser trabalhados por meio da pintura e, dispostos em novos contextos, ganharam maior densidade e corporeidade.

Vistas em conjunto, as imagens contidas nesses desenhos e pinturas representam um evento construído por camadas de tempo superpostas. Por um instante, todas essas personagens coexistem, mantêm-se presentes nesse espaço que habitaram em algum momento no passado. Instalados na Galeria do Ibeu, os trabalhos de Eloá Carvalho prolongam suas dimensões e nos convidam, como espectadores, a compartilhar do estado imersivo de suas figuras. Mas é preciso não nos deixar inebriar pela aparente naturalidade das poses. Na cena, nada é espontâneo.

#### **4 apontamentos sobre Mise en Scène**

1. Em *L'année dernière à Marienbad* (1961), Alain Resnais e Alain Robbe-Grillet reforçam a construção da narrativa fílmica através da sobreposição de diferentes camadas de tempo, apresentando-nos um presente mediado por aquilo que se constituía a memória possível de um encontro passado. Desse modo, o presente em Marienbad era percebido não apenas como um algo em si, mas por meio da inflexão entre um fato, que poderia ou não ter ocorrido, e a expectativa futura, o desejo de algo que pudesse ou não vir a acontecer, tornar-se real. A intenção não é confundir o espectador na sua busca por

uma evidência ou comprovação incondicional daquele encontro, mas reforçar o quanto o tempo narrativo é construído mediante o cruzamento de diferentes subjetividades. Robbe-Grillet diria: “*Não existe ano passado, e Marienbad não se encontra mais em nenhum mapa. Esse passado tampouco tem qualquer realidade fora do instante em que é evocado com tanta força; e quando enfim triunfa, torna-se simplesmente o presente, como se jamais tivesse deixado de ser.*” Essa estrutura, de algum modo, encontra-se também em **Mise en Scène**: na aproximação das imagens selecionadas e trabalhadas por Eloá Carvalho e na ênfase sobre sua presentificação em um mesmo espaço. Assim, presente e passado passam a se confundir na ficção criada pela artista. Marienbad é a história de uma persuasão; **Mise en Scène** é a exposição enquanto cena. A Galeria de Arte do Ibeu, preenchida por suas personagens, guarda algo da imobilidade de Frederiskbad.

2. Seria igualmente possível aproximar o ato criador de Eloá Carvalho ao do argumento principal de *A invenção de Morel* (1940), livro de Adolfo Bioy Casares, centrado na criação de uma máquina capaz de criar reproduções humanas. Capturadas e transformadas em projeção de suas imagens, as personagens do livro foram desse modo eternizadas: viverão para sempre na ilha de Morel, repetindo os mesmos gestos, as mesmas falas, as mesmas poses. Passam a existir apenas naquele lugar e em função da estrutura que as mantém “vivas”. Mediante o uso da reprodutibilidade, o dispositivo técnico possibilita a aproximação de pessoas temporal e espacialmente distantes umas das outras, fazendo com que passem a existir simultaneamente. Torna-se difícil distinguir realidade, imaginação, simulacro e alucinação. “*Quando intelectos menos toscos se ocuparem de sua invenção, o homem escolherá um lugar apartado, agradável, reunirá as pessoas mais caras e perdurará num íntimo paraíso. Um mesmo jardim, caso as cenas a perdurar sejam gravadas em momentos distintos, alojará inumeráveis paraísos, cujas sociedades, ignorando-se entre si, funcionarão simultaneamente, sem colisões, quase nos mesmos lugares.*” As personagens de **Mise en Scène** também foram transformadas em imagens, aprisionadas em seu próprio jogo cênico. Encenam suas histórias e aqui coexistem (ou aparentam coexistir), seja entre si ou mesmo com aqueles que com elas interagem, seus espectadores. A invenção de Eloá aprisiona suas imagens no lugar que um dia habitaram.

3. Contudo, não estamos diante apenas de imagens. Sua existência em **Mise en Scène** – após serem selecionadas de um arquivo fotográfico institucional – está condicionada pelas escolhas da artista, ora as reelaborando através do desenho, ora por meio da pintura. É preciso considerar então que “grafite” e “tinta óleo” fornecem novas propriedades a essas figuras. Inicialmente capturadas pelo aparelho fotográfico – a maior parte em preto e branco –, as imagens foram então “traduzidas” em desenho. Tanto a proximidade com o procedimento fotográfico (mediante apropriação de imagens de arquivo) quanto a opção pela escala de cinzas do grafite (diferente da escala química de cores da fotografia) aproximam a artista de algumas ideias de Vilém Flusser. Em *Filosofia da caixa preta* (1983), por exemplo, o autor argumenta: “*Não pode haver, no mundo lá fora, cenas em preto e branco. Isto porque o preto e o branco são situações ‘ideais’, situações-limite. O branco é presença total de todas as vibrações luminosas; o preto é a ausência total. O preto e o branco são conceitos que fazem parte de uma determinada teoria da Ótica. De maneira que cenas em preto e branco não existem.*” As figuras de **Mise en Scène** existem dentro dos limites do PB. Mas cabe ressaltar que Eloá Carvalho recorre, embasada também em conceituações, aos chamados “cinzas cromáticos”, resultantes de misturas e procedimentos caros às técnicas da pintura à óleo. A realidade

expressa nesses trabalhos é fruto de uma visão conceitual do mundo, anterior a qualquer ato ou ação operativa.

4. Pela primeira vez as figuras pintadas por Eloá Carvalho viraram-se completamente em direção ao espectador, dando a ver sua tez acinzentada. Se antes suas imagens eram representadas quase sempre de costas, eventualmente de perfil, com essa decisão, não só a fisionomia, como também o encarnado passaram a ser aspectos a serem considerados de modo mais intenso pela artista. Em *A pintura encarnada* (1985) Georges Didi-Huberman desenvolve um pensamento da (en)carnação em arte, tratando a questão como espécie de limite da pintura, de transição entre o visível (imagem) e o tangível (pigmento), entre a dimensão óptica e o aspecto háptico. “*O encarnado visa, pois, ser duplamente notável: pelo que sugere de uma subjacência (...) e pelo que impõe de uma superfície levada ao extremo, como o aço de um espelho polido, mas transparente (...). Esse colorido por excelência está, pois, sob o influxo de um imperativo categórico do entremeio: entre superfície e profundidade.*” Assim, o encarnado é aquilo que é visto na superfície – a “pele” – mas que também evoca a profundidade – o “interior” do corpo, um meio pelo qual “*a pintura pode se imaginar como corpo e como sujeito*”. A cor é um elemento que se dá a perceber não apenas como pura qualidade da superfície, mas como índice de uma profundidade transparente. Certas figuras de **Mise en Scène** são personagens apenas se vistas enquanto imagens; são, em última instância, imagens “encarnadas”, isto é, corporificadas por e na pintura.